

TROFA: CORAÇÃO DO MUNDO



Parte Um – A origem do mundo

Há muito tempo atrás, antes de haver pessoas, vegetação e animais terrestres, o nosso mundo era só constituído por um enorme oceano, que tinha a cor azul mais forte e mais bonita que alguma vez existiu. Esta imensidão de água englobava numa certa região mais central do planeta, uma montanha quase que infinita de terra acastanhada e macia. Contudo, nessa altura só existia vida nas profundezas do mar primitivo. Conta-se que habitavam nessas águas homens-peixe, sereias e muitas outras espécies de peixes cuja alimentação se baseava preferencialmente em algas e outras plantas que naquele meio cresciam. Estranho era esse aglomerado gigante de terra, que embora macia e leve não se dispersava na água e permanecia sempre intocável. Terra mágica que parecia esperar um acontecimento importante.

Certo dia, aquando dos primeiros raios de sol matinais, tanto as águas como os seus seres vivos moviam-se de forma delicada e sentiam uma doce harmonia a emergir. Subitamente soprou uma rápida e violenta corrente de ar que logo espalhou aquela montanha de terra por todo o mundo. Foi um vento tão forte quanto inexplicável e até hoje ninguém encontrou uma justificação para a origem de tamanha força.



Parte Dois – O aparecimento dos Homens

O oceano ficou coberto por várias e grandes regiões de terra separadas aqui e ali por lagos, rios e outros mares. Formaram-se assim zonas daquela terra mágica que a luz, calor e energia do sol aqueceram e fizeram brotar plantas terrestres e diversos animais irracionais. Crê-se que os humanos descenderam das sereias e dos homens-peixe que encontraram naquelas terras novos e deliciosos alimentos, o que lhes serviu de incentivo a se adaptarem àquele meio. Assim, ao longo dos anos ali viveram e foram-se transformando em homens e mulheres. Sucederam-se séculos e séculos, gerações e gerações e em cada região do mundo sentia-se a vida ao respirar o ar puro da natureza e via-se a felicidade no sorriso de cada pessoa. Porém, todos viviam em ilhas dispersas pelo planeta. Eram porções de terra rodeadas por água, o que impedia a comunicação entre os povos de diferentes terras. Desde que uma parte das sereias e dos homens-peixe se transformaram em humanos, e portanto ficaram a viver em terra, os restantes seres marinhos que preferiram continuar a viver no fundo do mar, ficaram muito zangados, nunca mais falaram com eles nem voltaram a tratá-los como amigos. Chamavam-lhes egoístas e traidores da raça, consideravam que a escolha que fizeram foi muito cruel, uma verdadeira ofensa a todas as espécies que habitavam no mar e a todos os anos que em comunidade viveram. Longos anos se passaram, contudo as pessoas continuavam a ter medo do mar e por isso não se atreviam a fazer uma simples viagem de barco para conhecerem e conviverem com os povos das outras terras.



Parte Três – A guerra entre a terra e o mar

Embora felizes, as pessoas sabiam que no mar seriam tratadas como inimigas e que os seres marinhos mais poderosos tudo iriam fazer para os destruir, para que morressem naquele meio onde nasceram. Foram muitas as tentativas que durante anos vários povos fizeram para atravessar o mar e assim acabar com aquela angústia que os consumia por dentro sempre que o assunto das conversas era a guerra entre a terra e o mar. Muitos homens corajosos ali morreram, muitas mulheres perderam os seus maridos e filhos, mas apesar de haver várias famílias destroçadas, a vida predominava. De entre as terras deste mundo, havia uma muito especial. Enquanto que as outras terras tinham formas indefinidas ou irregulares, esta tinha a forma de um coração. Distinguia-se então das restantes, por ter esses traços excepcionais que aquele vento forte delineou.



Parte Quatro – O dia 19 de novembro

No dia dezanove do mês de novembro, os seus habitantes deram-lhe o nome de Terra-Coração, não só pela sua forma como também pelo amor incondicional que tinham àquela terra. Foi numa tarde de outono mas parecia primavera, porque em todo o reino fazia-se sentir o calor agradável do sol e também um ventinho muito ligeiro que de vez a vez deixava cair delicadamente as folhas das árvores e as arrastava sobre o chão. Assim as ruas estavam muito bonitas com todos aqueles diversos tons alaranjados das folhas e estas pareciam brilhar perante os raios de sol nelas refletidos. Num ambiente de festa e na praça principal da terra, o

rei Henrique e os seus dois filhos confirmaram a vontade do povo. Então, todos os anos nesse mesmo dia de outono comemora-se a vida da Terra-Coração. O que ninguém sabia é que a partir daquela data muitas coisas iriam acontecer no reino e no mundo. Parece que esta terra esperava que lhe dessem um nome para renascer e ter um novo sentido de vida. Terra-Coração é o nome ideal e perfeito que o mundo inteiro aguardava sem saber.



Parte Cinco – A família real

Em todo o reino a família real é conhecida pela sua bravura, modéstia e bondade. O rei Henrique desde sempre se esforçou para oferecer o melhor à Terra-Coração. Ele tem consciência que a causa dos problemas e conflitos entre o seu povo deve-se à incapacidade de atravessar o mar e conhecer novas terras e novos povos. Contudo, o rei tem um grupo de cavaleiros audazes e leais que cumprem de forma submissa as suas ordens, pelo que muitos deles até perderam a vida nas inúmeras tentativas de atravessar o mar. De entre todos os valores que possui, Martinho e Tiago são indubitavelmente a maior riqueza do rei. São estes dois filhos muito corajosos e amigos, o seu grande apoio nos momentos difíceis. Mas o rei Henrique tem dentro de si uma profunda tristeza que nunca soube suportar nem partilhar com os seus dois filhos. É que a rainha, a mulher que ele tanto amava e com quem se casou, morreu aquando do nascimento dos filhos e como não os viu, não soube que eles eram gémeos. O amor que viveram foi tal forma forte e verdadeiro, que após a morte da rainha, o rei nunca mais se interessou por outra mulher e dedicou-se completamente aos filhos e ao reino.

Os dois irmãos tiveram uma infância semelhante, foram educados juntos por várias criadas e sob a proteção e o amor do pai. Todavia quando se tornaram adultos evidenciaram-se as diferenças entre eles. Martinho gosta de inventar novos engenhos, interessa-se pelas questões financeiras do reino, promove e apoia os negociantes e defende que o comércio é muito importante para o desenvolvimento da terra. Após o consentimento do pai, foi ele que estabeleceu uma feira que se realiza todos os Sábados na praça principal da Terra-Coração, um importante centro mercantil. Por sua vez, Tiago gosta de fazer longas caminhadas entre os planaltos do reino, cavalgar e apreciar a paisagem das florestas verdejantes, a beleza dos campos semeados e sente-se feliz ao contactar com a natureza. Apesar de Martinho ser mais racional e Tiago mais emotivo, a relação entre estes dois irmãos é de grande amizade. Um chama à atenção do outro, aconselhando-o sempre que é necessário e o rei Henrique vê que ambos se completam e são uma força maior.



Parte Seis – A ausência do Rei

Contrariamente ao dia dezanove de novembro, a manhã seguinte apresentou-se com um ar gelado e as nuvens cinzentas que cobriam o céu deixavam cair uma chuva que embora miúda, era suficiente para refrescar as florestas e regar as plantações dos agricultores. Não se via o sol, mas este parecia querer espreitar por entre as nuvens, porque havia claridade. Os pastores mais antigos que cedo acordavam para levar os seus rebanhos de ovelhas, os touros e as vacas a pastarem nos montes, comentavam entre si que aquela chuva era um pouco estranha, pois o dia anterior tinha sido quente e solarengo. Mas logo adiantavam que a chuva servia para

varrer as poeiras da Terra-Coração, limpar as maldades das pessoas e abençoar os terrenos semeados que são o único sustento de muitas famílias.

No castelo da Terra-Coração, a família real costumava acordar assim que amanhecia. Havia sempre compromissos e muito trabalho pela frente. Naquela manhã apenas os príncipes Martinho e Tiago encontravam-se a tomar o pequeno-almoço perante uma vasta e requintada mesa. Atrás deles, e sempre prontos para os servir, estavam várias criadas e o conselheiro do rei. O seu nome é Napoleão. Ele trata de alguns assuntos sérios do rei, por isso ocupa um lugar responsável naquela família. Napoleão era um homenzinho baixo, cheio de força, andava sempre em passos lests e parecia saber sempre o que o rei sentia e precisava. É sobretudo fiel e sábio.

A certa altura, Tiago estranha a demorada ausência do pai.

- Napoleão, o meu pai ainda não acordou? É que há assuntos muito importantes a serem tratados. - questiona-o num tom admirado.

- O seu pai, alteza Henrique, acordou ainda de madrugada. Vestiu-se e saiu cedo.

- Mas para onde foi? – Pergunta Martinho também muito admirado ao mesmo tempo que se levanta subitamente..

- Ahã... Alteza Henrique pediu-me que não lhes dissesse nada. Desculpem. – respondeu Napoleão hesitante.

- Mas não vês que estamos preocupados, Napoleão?! Entendo que ele deve ter-te pedido para não nos contares nada, mas percebe a nossa situação. Sabes bem que se o nosso pai se aproxima do mar, nem quero imaginar o que lhe acontece! – Tiago terminou quase a gritar e fitou o irmão nos olhos. Napoleão viu o olhar extremamente preocupado e

profundo entre Martinho e Tiago. Compreendeu a gravidade da situação e o que estavam a sentir.



Parte Sete – O segredo revelado

Finalmente cedeu e disse-lhes:

- Alteza Henrique fez uma coisa que já não fazia desde a sua mocidade. Pouco tempo depois de se tornarem reis e antes dos meninos príncipes nascerem, o rei e a rainha costumavam trocar as fardas de alteza por trapos de mendigos. O rei Henrique confiou-me esse segredo e eu ajudei-lhe muitas vezes a mascarar-se de mendigo. Dizia-me que a ideia tinha sido da rainha e que ele concordava plenamente pois os dois queriam saber onde existia a pobreza e a fome, e também descobrir quem eram os ladrões e as pessoas que planeavam fazer mal aos outros. Disfarçados de mendigos e totalmente irreconhecíveis, saíam os dois juntos de madrugada. Para se apoiarem o rei levava um báculo, que é uma espécie de bengala. A rainha levava um bordão, que é uma vara alta onde está presa na extremidade uma cabaça cheia de água. São dois objetos antigos e muito bonitos. Todos estes anos ao serviço de vossas majestades, só lhes posso agradecer por servir pessoas tão bondosas. Como não tenho riqueza para pagar a minha gratidão, disponho da minha total fidelidade a esta nobre família. É por gostar muito dos meninos príncipes que lhes revelei estas coisas que ocorreram no passado. – contou-lhes Napoleão com a sua sinceridade habitual. Os príncipes olhavam-no fixamente nos olhos e uma mistura de sensações apoderou-se de ambos. Estavam de tal forma surpreendidos e emocionados que durante alguns segundos ficaram sem reação. Dos olhos de Tiago uma

lagrimazinha caiu e Martinho que estava de pé, lançou-se espontaneamente aos braços de Napoleão e abraçou-o. Tiago juntou-se a eles naquele abraço a três, e após recompostem-se perguntou:

- Então, isso quer dizer que neste momento o nosso pai anda por aí a vaguear pela Terra-Coração, a descobrir quem são as pessoas bondosas e as que só querem fazer mal?

- Sim, menino príncipe Tiago. Mas alteza Henrique não me disse para onde foi, como antigamente também não me dizia. - Respondeu Napoleão o único dos três que ainda chorava e que ainda não conseguira conter as lágrimas. Ao vê-lo assim, apesar de Martinho ser mais contido ao expressar os seus sentimentos do que Tiago, Martinho confessou-lhe:

-Napoleão, quero que saibas que tenho-te como um segundo pai para mim. Também me deste muita proteção e sei que ajudaste o nosso pai quando a nossa mãe morreu e ele se viu sozinho com duas crianças no colo. Considera-te da família. Nunca te esqueças disto. - No final dirigiu-lhe um leve sorriso e Napoleão retribuiu-lhe com outro sorriso enquanto limpava as lágrimas.

- Príncipes que têm o coração puro merecem o mundo! Hão de certamente ser muito felizes. – Disse Napoleão olhando orgulhoso para Martinho e Tiago. E adiantou ainda com muita determinação:

- Sinto que tirei um peso de cima de mim... Bom, mas agora é altura de irmos à procura de alteza Henrique. Levarei comigo alguns cavaleiros e dispersar-nos-emos pela Terra-Coração. Fiquem descansados que tomarei as devidas precauções e agirei com bastante subtileza para que não saibam quem procurámos.

- Sendo assim eu montarei o meu cavalo e sairei em direção aos planaltos da zona Este da Terra-Coração. Estou habituado a cavalgar por

aqueles montes e planícies, por isso ninguém desconfiará. – Disse Tiago determinado.

- É necessário percorrer as zonas litorais, junto ao mar. Mas por favor, façam isso com muito cuidado, já sabem os perigos destas águas! Eu vou em direção a Oeste. Ao meio dia regresso ao castelo a todo o galope para saber notícias. Se o meu pai não tiver regressado, então tomarei o caso como grave e iremos com mais reforços em busca dele. – Declarou Martinho.



Parte Oito – Um encontro revelador

Aos poucos a chuva miúda parou enquanto Tiago percorria as florestas de pinheiros, eucaliptos e carvalhos típicos da Terra-Coração. Subiu os montes a que ele próprio anteriormente já tinha dado o nome de Cidai e Cedões, mas não avistou o pai. Antes de regressar ao castelo, Tiago foi ter ao grande bar da terra, e viu que Martinho estava a perguntar às pessoas que lá se encontravam, se estas tinham visto algum mendigo curioso. Os dois irmãos ficaram desanimados mas de repente surge um guarda do castelo à entrada do bar. Tiago e Martinho olharam rapidamente para a expressão aflita da cara dele. O guarda, que eles conheciam tão bem, olhou-os fixamente e mantendo esse olhar intenso, virou um pouco a cara para o lado da rua, indicando-lhes com esse sinal que tinham de voltar ao castelo naquele preciso momento.

Estavam já no interior do castelo, em direção aos aposentos do rei Henrique, quando este apareceu com ar cansativo, mas ao mesmo tempo cheio de entusiasmo. Ele já sabia que o Napoleão lhes tinha contado o seu segredo, e por isso adiantou logo que não havia tempo a perder porque

nesta sua última caminhada descobriu a solução para unir todas as pessoas do mundo. Rapidamente revelou aos filhos que costumava sentar-se numa rocha que havia junto à margem do rio, e que, no meio de todas aquelas plantas verdes e aquele mar azul sentia uma grande tranquilidade. Então desabafava baixinho o quanto queria descobrir uma nova terra. De tantas vezes fez isso que naquele dia, apareceu uma sereia muito bonita a olhar para ele. Tinha a cabeça de ave, do pescoço até à cintura era mulher e da cintura para baixo era sereia. Era assim constituída por três espécies diferentes, que no conjunto tornavam-na especial e bela. Apresentou-se amigavelmente e com uma voz harmoniosa disse que se chamava Sereia-Ave e que habitava naquelas águas desde que existia apenas um enorme aglomerado de terra acastanhada e macia, e portanto muito antes da formação da Terra-Coração e das outras terras. Ela disse-lhe que compreendia o desejo dele, e que por ser mendigo iria ajudá-lo. Então para atravessar o mar, duas pessoas que sejam exatamente iguais e que estejam unidos desde a nascença, têm de encontrar o báculo e o bordão de peregrino sagrados, que têm o poder da União dos povos. Após serem encontrados, têm de caminhar até às margens deste mar e quando ali chegarem, tocam o báculo e o bordão um no outro e algo de fantástico acontecerá. Tiago e Martinho estavam muito admirados pelo que o pai lhes acabara de contar. Quiserem imediatamente saber onde estava o báculo e o bordão que os seus pais usaram nas caminhadas. Mas o rei não os podia ajudar. Abanou a cabeça em sinal negativo e disse-lhes que numa daquelas saídas ele a rainha perderam o báculo e o bordão junto à margem do rio. E no dia seguinte, quando foram lá novamente disfarçados de mendigos, não os encontraram. Sem compreender muito bem, esqueceram o assunto e a

partir de então deixaram de usá-los nas suas saídas. Mas agora, a sereia-ave contou-lhe que naquele dia voou como ave pela Terra-Coração e aí escondeu o báculo e o bordão. Ela fez isso porque receava que os homens-peixe destruíssem aqueles objetos poderosos. Todavia não revelou onde o lugar onde escondeu o báculo e o bordão, porque a missão é precisamente duas pessoas se unirem para encontrá-los e com esse gesto unir também o mundo inteiro. Só nestas condições é possível isso acontecer.



Parte Nove – A Ponte

Tiago e Martinho consolaram o pai e prometeram-lhe que iriam encontrar esses objetos. O pai deu-lhes um forte abraço e disse que acreditava neles. Despediram-se e rapidamente os príncipes gémeos saíram à procura do báculo e do bordão. Percorreram montes e vales, procuraram por entre todo o tipo de vegetação existente, mas não encontraram nada. Quando um deles se sentia mais desanimado, o outro incentivava-o a continuar. Foram dias e dias de procura, mas nunca desistiram.

Depois de tanto tempo à procura, Tiago encontrou o bordão que outrora pertencera à sua mãe. Tinha percorrido muitos lugares, mas afinal ele estava perdido no meio da vegetação, num lugar que ele tanto gostava. O engraçado foi que Martinho encontrou o báculo no mesmo dia e exatamente no mesmo instante. Estava na zona Oeste da Terra-Coração junto da praça da terra. Os dois ficaram muito felizes, pois tinham finalmente encontrado o que pretendiam.

Caminharam devagar para as margens do mar, onde outrora o rei e a rainha tinham perdido o báculo e o bordão, no mesmo sítio onde inúmeras vezes a família real e os seus cavaleiros tinham lançado a barca ao mar e lutado para chegarem a uma nova terra. Contudo naquele dia e ali, só os dois irmãos podiam salvar para sempre a mundo. O rei Henrique, Napoleão e os cavaleiros do reino estavam escondidos mais atrás e muito atentos, pois caso alguma gesto corresse mal, agiriam. Mas todo o mar estava calmo, e até àquele momento os homens-peixe não apareceram. Tiveram a impressão que aquele dia foi esperado por todos. Cheios de esperança, Tiago e Martinho deram um longo abraço e depois uniram o báculo e o bordão de forma a que estes estivessem em contacto um com o outro. Nesse preciso momento, irradiou uma luz branca muito forte, tão forte que fez os príncipes fecharem os olhos. Assim que a luz parou e tudo voltou ao normal, eles abriram os olhos e viram uma magnífica ponte criada. Ficaram fascinados com o que acabavam de ver. Era uma ponte lindíssima! Napoleão e os cavaleiros ao verem o que tinha acabado de acontecer, foram rapidamente chamar o povo da Terra-Coração e logo todos ficaram muito entusiasmados. Os príncipes Tiago e Martinho foram os primeiros a entrar na ponte e logo atrás vinha o rei e todos os todos os habitantes da Terra-Coração. Estavam a caminhar e ao mesmo tempo a festejar aquela vitória quando os homens-peixe emergiram à superfície da água e começaram a dançar e a fazer piruetas. A Sereia-Ave apareceu e disse-lhes que os homens-peixe tinham ficado amigos deles assim que o báculo e o bordão ficaram unidos, ou seja, toda a guerra tinha acabado. Várias pessoas mergulharam logo no mar e todos juntos festejaram aquele dia com muita alegria. Enquanto festejavam uns na água e outros na terra, a Sereia-Ave voou por toda a Terra-Coração e por onde voava nasciam

umas flores muito bonitas na terra. Tinham quatro pétalas como um trevo que dá sorte, mas cada pétala tinha uma cor diferente: uma era vermelha, outra amarela, outra verde e a outra azul. Todos ficaram gratos por ela lhes ter dado aquela beleza e magia. Então a Sereia-Ave deu o nome Alegria cada uma das flores, disse que aquela terra era muito especial e que estaria para sempre cheia de alegria e vida.

Desde aquele dia não só os habitantes da Terra-Coração foram felizes, mas também todas as pessoas do mundo. É que eles chegaram a novas terras, porque finalmente ficaram amigos dos homens-peixe e assim puderam construir pontes sobre os mares de todo o mundo. Foi a primeira vez que todas as pessoas puderam dar mergulhos no mar, pescar peixes à vontade, conhecer e construir amizades não só com os povos das outras terras, mas também com as espécies do mar. Todos os seres vivos sentiram-se livres. O mar era de todos e a terra também. E aquela com a forma de coração, era exatamente o coração do mundo. As pessoas perceberam que o amor dos irmãos Tiago e Martinho fez com que eles encontrassem o báculo e o bordão.



Parte Dez – O final

- Assim terminou esta história fantástica sobre a criação desta terra. Espero que tenhas gostado Napoleão. E aproveito ainda para dizer que apesar de não vermos a flor da Alegria aqui ela existe sempre que estamos alegres. Nós não a vemos com os olhos, mas sentimos com o coração.

- Avô, estou agora a imaginar a flor... Ela é realmente lindíssima, porque estou alegre por me teres contado esta história. Também achei

engraçado o conselheiro do rei ter o mesmo nome que eu! - Disse Napoleão sorrindo.

- Ah! Mas ele chama-se assim porque é um grande amigo como tu. Fui eu que escolhi, sabes que gosto muito de te contar histórias. Agora dorme bem meu neto. Não te esqueças que amanhã tens de acordar cedo para ir para a escola! - Disse o avô ao Napoleão.

Napoleão era um menino de oito anos que gostava muito do avô e de ouvir as suas histórias. Mas era também muito inteligente e curioso.

Na manhã seguinte chegou à escola muito contente. Tinha estado a pensar o quanto a terra dele era especial. A combinar com o seu entusiasmo, as aulas daquele dia foram diferentes. A professora disse a todos os alunos que tinham de fazer uma composição sobre o que mais gostavam na Trofa e, para isso podiam ir para a biblioteca procurar nos livros alguma informação.

Napoleão começou por ler alguns livros e sorriu ao ler o nome das freguesias de Santiago de Bougado e São Martinho de Bougado. O báculo e o bordão pertenciam respetivamente a São Tiago e São Martinho, os padroeiros das freguesias de Santiago de Bougado e de São Martinho de Bougado, respetivamente. O nome do rio que banha a Trofa é o rio Ave, em homenagem àquela sereia especial que tinha cabeça de ave. A ponte que permite a passagem dos habitantes da Trofa a uma nova terra chama-se Ponte Pênsil da Barca da Trofa, e agora tinha-se tornado um símbolo do concelho. E ao pensar em concelho, lembrou-se que a Trofa consagrou-se concelho a 19 de novembro, no mesmo dia em que na história o rei deu-lhe o nome mágico de Terra-Coração. Também viu no mapa e comprovou que vivia mesmo no coração do mundo, porque a Trofa tem a forma de um coração.

Depois de ler tudo isto, sentia-se muito feliz. Pousou os livros e tocou num pedacinho de terra que havia num vaso lá na biblioteca. Sentou-se e começou por escrever o título da sua composição: A Terra-Coração. Olhou para o vaso onde antes tinha tocado na terra e imaginou nele plantada a bonita flor da Alegria com as suas quatro pétalas de cores diferentes. Sorriu e escreveu sobre o que mais gostava na Trofa. Sentia-se tão contente que comparou o concelho da Trofa ao coração do mundo e disse o quanto gostava de viver ali.

Depois de entregar o seu trabalho à professora foi brincar com os outros meninos. Divertiu-se e contagiou todos com a sua alegria.